



por Antônio Machado

cidadebiz@correioweb.com.br

Com pouco gás

Se o caos da aviação chegou como uma tempestade inesperada para a maioria dos brasileiros, assim como o apagão de energia foi o raio que fulminou a confiança de que o governo FH estivesse atento para os interesses do país, a possibilidade de um novo curto-circuito é um risco provável no setor elétrico, e nada remoto. O governo os conhece, mas nega que a ameaça seja tão grave como foi em 2001. Se lá na frente acontecer o pior, não poderá alegar ignorância.

Mas essa é uma hipótese que muita gente boa já não descarta, dada a insistência do presidente Lula em cobrar de seus ministros ações e projetos para que a economia comece a deslançar ao ritmo de 5% a partir do ano que vem, sem que estejam equacionados com absoluta clareza os cronogramas de execução dos projetos de novas fontes de geração de energia elétrica — condição necessária para que a nova fase de crescimento acelerado, admitindo-se a superação dos óbices fiscais e regulatórios, não colida com mais um racionamento.

Que a oferta energética está esmagada, não se discute, tanto que é só por isso que o país de maior potencial hidrelétrico do mundo convive desde 2001 com termelétricas movidas a gás e o presidente engole em seco os sapos despachados pelo governo da Bolívia, único fornecedor no curto prazo do combustível dessas usinas. As termos a gás complementam a oferta de energia das hidrelétricas, que são responsáveis por cerca de 80% da geração elétrica no país. E vem perdendo participação na matriz energética porque há décadas não se investe firme no setor, uma situação mais recentemente agravada pela aplicação estrita de uma severíssima legislação ambiental.

A crise de 2001 deveria ter sido uma advertência sobre o quadro calamitoso da infra-estrutura pública no país, mas se tornou mais um desastre político, que beneficiou Lula e o PT nas eleições de 2002, que um ponto de inflexão no desleixo com tais prioridades desde meados dos anos 80 — quando foram varridas do horizonte dos governos a pretexto da proeminência de uma outra prioridade: a estabilidade da macroeconomia. Ambas deveriam correr em paralelo. De lá para cá o que mais tem havido são omissões e improvisos.

Decisão infeliz

O envolvimento da Petrobras com o barril de pólvora boliviano foi a solução do governo FH para o problema da escassez de energia, apesar de advertido para o risco embutido nessa estratégia, dada a histórica instabilidade do vizinho. A estatal aplicou US\$ 1 bilhão em prospecções, instalações e construção do gasoduto para bombear o gás boliviano — investimento que o governo Evo Morales encampou para depois discutir como e quando indenizar. Fosse menos capenga a geoestratégia, a Petrobras já deveria estar investindo pesado em gás e na importação de GNL (gás natural liquefeito) desde 2001.

Pior está por vir

Parte da falta de gás que, com coragem, o presidente da Agência Nacional de Energia Elétrica, Aneel, Jerson Kelman, revelou não existir para movimentar a maioria das usinas testadas, não se deve só às seqüelas da decisão de Morales e ao contencioso criado. O pior está por vir. Mesmo com a situação normalizada, há indicações de que a Bolívia não tem como aumentar o volume de gás contratado para despachar à vazão de 30 milhões de metros cúbicos por dia, já que se comprometeu com a Argentina, que também é outro problema. De exportador para o Brasil os argentinos passaram a importador do gás boliviano. É o cerco se fechando.

Caos se crescer 5%

O resumo da situação, segundo o consultor Marco Aurélio Tavares, da GasEnergy, é que “em todas as regiões há um potencial déficit de gás no curto e médio prazos, que não pode ser atendido com base no despacho máximo das térmicas”. A entrada do GNL, previsto para o fim de 2009, segundo ele, aliviará a situação no Sudeste, “mas não contempla a solução definitiva para o Sul e o Nordeste”.

No Nordeste, mesmo com a entrada do GNL, a demanda térmica será atendida em no máximo 43% da necessidade em 2010. A região, além disso, precisa de outro terminal de GNL, obra que leva três anos até entrar em operação. “O sistema elétrico apresenta fragilidades na oferta de energia assegurada que não estão sendo consideradas e impactam o suprimento garantido a partir de 2009”, diz Tavares.

O dramático é que tal cenário parece pessimista, mas considera o PIB crescendo 4% ao ano. Crescer 5%, então, seria o caos.

**MESMO SE
MORALES FOSSE
LULA, ESCASSEZ
DO GÁS É REAL
E ECONOMIA SÓ
CRESCER FORTE
SUPERANDO
ESSA CRISE**